



ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
Formação de Professores: história, cultura e política
Campo Grande (MS), 14 a 17 de Novembro de 2018

Didática Especial e História da Educação Matemática: contribuições de um estudo sobre a formação de professores de matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Belo Horizonte, 1941-1954)

**The Discipline of Special Didactics and the History of Mathematics Education:
supporting the studies on the Mathematics Teachers Training at the College of
Philosophy of Minas Gerais (Belo Horizonte, 1941-1954)**

Filipe Santos Fernandes¹

Paulo Henrique de Souza Araújo²

Luís Henrique Coelho de Almeida Cosenza³

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir contribuições do estudo da Didática Especial, particularmente da disciplina Didática Especial de Matemática, para pesquisas em História da Educação Matemática que tenham como foco a formação de professores nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na primeira metade do século XX. As considerações aqui apresentadas decorrem de uma investigação sobre a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais entre 1941 e 1954. O estudo da disciplina Didática Especial de Matemática, oferecida pelo curso de Didática dessa instituição, permitiu destacar o papel desenhado pela disciplina na afirmação ou diferenciação dos modelos de formação de professores vigentes no período e as relações da disciplina com a emergência de uma nova posição subjetiva no espaço científico-acadêmico brasileiro, profissionais dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática para o ensino secundário.

Palavras-chave: Didática Especial de Matemática. Didáticas Especiais. Formação de Professores de Matemática.

¹ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: fernandes.fjf@gmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: paulo.hsa2010@gmail.com

³ Licenciando em Matemática pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bolsista, em 2017, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. E-mail: henriquecluis@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir contribuições do estudo da disciplina Didática Especial para a pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil, especialmente na primeira metade do século XX. As considerações aqui apresentadas são decorrentes do projeto de pesquisa “A posição científico-acadêmica da Educação Matemática no Brasil: representações, instituições e políticas”, em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que recebe, atualmente, apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Tendo em vista a comemoração dos 90 anos da UFMG, em 2017, optamos por estudar o curso de Matemática da Universidade em uma perspectiva histórica, buscando delinear uma trajetória do curso e compreender os espaços e os tempos dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática. Nesse sentido, surgiu o interesse de estudar os primeiros anos de funcionamento do curso de Matemática, criado em 1941 na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – que comporia, anos mais tarde, a UFMG – surgiu do interesse de intelectuais que militavam na vida cultural e política da capital mineira e dividiam seu tempo entre as redações dos jornais e as salas de aula dos principais colégios da cidade. Tinha como pilar o desenvolvimento de um conhecimento científico que não estivesse estritamente ligado à formação profissional e a formação de professores para o ensino secundário e para o curso normal.

Segundo Haddad (2015), esses intelectuais criticavam o ensino superior ministrado pelas escolas de ensino superior tradicionais, nas quais as “ciências básicas” eram trabalhadas segundo os interesses de uma determinada formação profissional, sendo “a Matemática e a Física [...] ensinadas segundo as necessidades práticas do engenheiro, a Química de acordo com a demanda do farmacêutico ou do médico, e assim por diante” (p. 55). Por isso, o empenho desses intelectuais era por uma formação diferente daquela que acontecia nas escolas profissionais; uma formação em que “a inquietação intelectual estimulasse a criação, cultivando-se o saber por si mesmo, sem preocupações imediatistas” (p. 55).

Em 5 de novembro de 1940, pelo Decreto-lei nº 6.486, a Faculdade de Filosofia recebeu autorização para organizar e fazer funcionar os cursos de Filosofia, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Neolatinas e Letras Clássicas, iniciados em 1941 e reconhecidos em 26 de março de 1946, pelo Decreto nº 20.825. Outros cursos – Física, Química, História Natural, Letras Anglo-germânicas, Pedagogia – iniciaram em 1942 (em situação precária, apesar dos esforços empenhados), mas só foram reconhecidos pelo Decreto nº 23.841, de 14 de outubro de 1947. O curso de Didática começou a funcionar em 1944, época em que os primeiros bacharéis se formaram.

Neste texto não intencionamos apresentar – ainda que façamos isso em alguns momentos – os modos de organização e funcionamento da disciplina Didática Especial de Matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, mas

evidenciar duas contribuições do estudo dessa disciplina para a pesquisa em História da Educação Matemática. Assim, discutiremos a seguir as relações da disciplina com o modelo de formação de professores de matemática promovido nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do período e as relações da disciplina com a emergência de uma posição subjetiva no espaço científico-acadêmico brasileiro.

Orientações teórico-metodológicas

“Um dia, com melhor perspectiva histórica, que hoje naturalmente nos falece, alguém fará a justiça devida aos despendidos e bravos mestres que a criaram.” (Anuário..., 1954, p. 17)

O excerto acima está presente no Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, em um texto introdutório que trata dos primeiros anos de funcionamento da instituição. Ao que parece, o conflitivo movimento de implantação da Faculdade de Filosofia e as dificuldades de organização e de funcionamento enfrentadas nos primeiros anos motivaram os autores do texto a exigirem do tempo e do fazer histórico a reparação de certas injustiças do passado, reconhecendo, por exemplo, os esforços empenhados pelos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

Ainda que nossa pesquisa tenha interesse pelos primeiros anos de funcionamento da instituição, não se busca, com ela, “fazer justiça”, como se fosse finalidade da História a reparação do passado. A perspectiva histórica com a qual dialogamos (Fernandes & Moraes, 2017) não tem como intenção julgar o passado; não procura, também, perguntar por uma origem ou por relações causais e teleológicas. Não se trata, ainda, de mostrar por quais meios determinadas configurações sociais, posições de sujeitos e objetos, poderes ou formas do conhecimento se manifestaram e/ou se modificaram em diferentes tempos e espaços. Diferentemente, o que se procura é chegar a esses elementos por meio de práticas que o permitiram emergir como preocupação histórica, com visibilidade e dizibilidade; buscar por um nó que articula acontecimentos e que instaura um solo no qual determinadas configurações sociais, posições de sujeitos e objetos, poderes e formas do conhecimento podem se construir, circular e produzir efeitos. Assim,

Ao valorizar o estudo e as discussões sobre a trajetória da formação inicial de professores de Matemática no país, reconhecemos as contribuições do pensamento histórico, avesso à aceitação de informações e ideias alheadas da consideração sobre os cenários em que surgiram, do foco nas potencialidades e limites dos conhecimentos que circularam nos diferentes momentos da trajetória da formação inicial de professores de Matemática no país (Gomes, 2016, p. 425).

Foram consultadas fontes escritas – como projetos curriculares, ementas e programas de disciplinas, atas e outros – presentes no arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. Ainda que o estado de conservação e de organização dos documentos arquivo fosse muito precário e apesar dos esforços da funcionários responsáveis, a riqueza dos documentos e o encontro com o Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Anuário..., 1954) colocaram novas questões à pesquisa, bem como exigiram uma delimitação temporal do período investigado (1941-1954). A seguir, apresentamos algumas dessas questões.

A disciplina Didática Especial de Matemática e o modelo de formação de professores

Como amplamente discutido na literatura, a formação de professores de matemática nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras se dava a partir de uma formação inicial no curso de Matemática – o “bacharelado”, de três anos –, seguido pelo curso de Didática – a “licenciatura”, de um ano.

No curso de Matemática, percebemos uma forte presença de conteúdos relacionados à matemática “científica”, desvinculados da dimensão prática que vigorava no ensino superior do período, voltado à formação de profissionais liberais e sem relações com discussões sobre o ensino ou a educação. Sobre isso, Gomes (2016, p. 429) destaca que diversos autores “observam que a função principal do curso era a preparação de matemáticos, ficando em segundo plano, subordinada à formação do cientista, a meta de formação profissional de professores”.

Para Moreira (2012), as concepções associadas ao ensino escolar podem ter funcionado como bases sobre as quais surgiu tal modelo de formação de professores – o que identificamos, hoje, como “modelo 3 + 1”. O autor destaca que, nesse período, “Ensinar era visto, essencialmente, como transmitir o conhecimento do professor para o aluno. E aprender era, basicamente, receber essa transmissão sem muitos ruídos” (p. 1138). Assim, em um entendimento geral, o estudante aprendia o conteúdo matemático nos três primeiros anos (curso de Matemática) e, em uma etapa posterior, aprendia como transmiti-lo (curso de Didática).

Em nossa investigação, percebemos que o modelo de formação de professores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais era similar ao adotado pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNF), fundada em 1939. Essa constatação foi reforçada por um registro da organização da Faculdade de Filosofia presente no Anuário, apresentado a seguir.

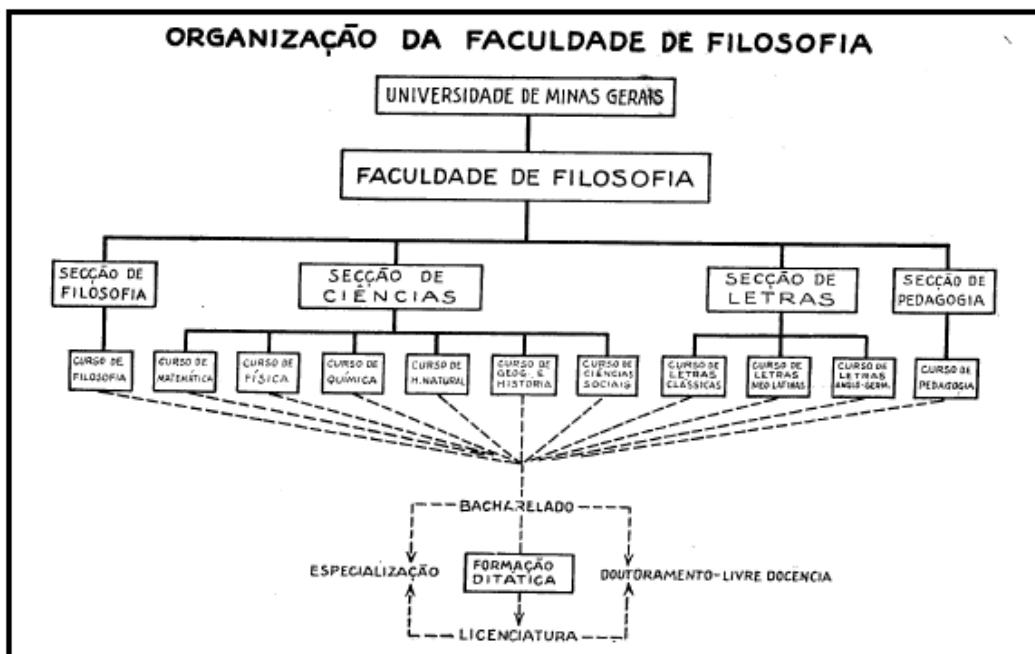


Figura 1 – Organização da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

Fonte: Anuário... (1954, p. 28)

Como podemos notar, as diferentes Secções (“Filosofia”, “Ciências”, “Letras” e “Pedagogia”) abrigavam os cursos de bacharelado a elas associados. A Secção de Ciências era responsável pelo curso de Matemática, ao passo que o curso de Didática vinculava-se à Secção de Didática. Observamos, ainda, que essa organização reforça os ideários da Faculdade de Filosofia, dedicando, por um lado, espaços institucionais que cultivassem o “saber desinteressado” e que se ocupando com a formação de profissionais responsáveis por impulsionar o desenvolvimento de campos científicos, e, por outro, criando também espaços que respondessem à demanda de preparação de pessoal para o magistério.

1. Curso de Matemática

1^a Série:

Análise Matemática — Geometria Analítica e Projetiva — Física Geral e Experimental

2^a Série

Análise Matemática — Geometria Descritiva e Complementos de Geometria — Mecânica Racional — Física Geral e Experimental

3^a Série:

Análise Superior — Geometria Superior — Física Matemática — Mecânica Celeste

Curso de Didática

Didática Geral — Didática Especial — Psicologia Educacional — Administração Escolar — Fundamentos Biológicos da Educação — Fundamentos Sociológicos da Educação

Figuras 2 e 3 – Currículo dos cursos de Matemática e Didática, no modelo que, hoje, denominamos como “3 + 1”.

Fonte: Anuário (1954, pp. 29/32)

Em termos disciplinares, o currículo previsto para a formação de professores de matemática no curso de Didática diferenciava-se do empregado na formação de professores de outras áreas apenas pela presença da disciplina Didática Especial de Matemática, já que o Anuário traz programas distintos para as Didáticas Especiais – a “Didática Especial de...”, que associa os conteúdos da disciplina às áreas de formação determinadas pelo Bacharelado –, e programas idênticos para as demais disciplinas do curso de Didática.

Para a disciplina Didática Especial de Matemática, o Anuário apresenta o seguinte programa:

DIDÁTICA ESPECIAL DE MATEMÁTICA

- 1 — As ciências matemáticas. Seu objeto, caracteres e processo.
- 2 — A definição matemática.
- 3 — Os axiomas e os postulados.
- 4 — Matemáticas modernas e geometrias não euclidianas.
- 5 — A Demonstração. Sua natureza, espécie e regras.
- 6 — História da Matemática e história do ensino da Matemática.
- 7 — Os objetivos do ensino da Matemática.
- 8 — Métodos de ensino da Matemática.
- 9 — Princípios psicológicos, lógicos e pedagógicos que fundamentam o ensino da Matemática.
- 10 — Escolha, seleção e organização da matéria.
- 11 — A motivação no ensino da Matemática.
- 12 — Os livros de texto. A verificação do aprendizado.

Figura 4 – Programa da disciplina Didática Especial de Matemática.

Fonte: Anuário... (1954, p. 219)

Os tópicos de 1 a 5 do programa sugerem uma concepção de matemática próxima da que o estudante teve contato no bacharelado, pautada na “ciência matemática”, na “definição”, nos “axiomas”, nos “postulados”, nas “demonstrações”. Os tópicos de 7 a 12, por sua vez, indicam um trabalho que relacionasse o ensino, a educação e a matemática, compreendendo discussões ligadas à atuação do professor, como os “objetivos do ensino de matemática”, os “métodos de ensino”, os “princípios psicológicos, lógicos e pedagógicos que fundamentam o ensino de matemática” etc. Essa ordem de apresentação dos tópicos (os primeiros ligados à matemática e os últimos associados ao ensino ou à educação) parece reforçar a concepção de formação de professores que operava mais intensamente nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do país, que defendia que a “formação matemática” deveria preceder “formação pedagógica”.

Nesse sentido, acreditamos que o estudo da disciplina Didática Especial de Matemática permite elaborar compreensões sobre as concepções de formação de professores de matemática vigentes nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na primeira metade do século XX. Em nosso estudo, o programa indicou a disciplina como espaço que reforçava a ideia de que para ser professor de matemática seria necessário um acentuado estudo da matemática científica que, no encontro com as preocupações educacionais promovidas pelo curso de Didática, converter-se-ia em conhecimento matemático ensinado na escola. Além disso, o mesmo programa parece indicar as próprias intenções de criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no Brasil, que, por um lado, tinham como propósito o desenvolvimento de um conhecimento científico desvinculado da formação profissional (o “saber desinteressado”) e, por outro, cumpriam o papel de instituições responsáveis pela preparação dos professores para o magistério no ensino secundário, em expansão no período. Essa “dupla função”, como aponta Sucupira (1969, p. 261), justificava-se pela “tradição de ensino superior profissional [no Brasil] onde prevalecia a ideia de que a toda escola superior profissional deveria corresponder sempre uma especialidade técnica objetivável em termos de profissão liberal”, sendo, assim “prematura a criação de uma faculdade unicamente destinada à pesquisa científica pura”.

Pela dificuldade de encontrar no arquivo da FAFICH materiais relacionados

aos modos de organização e funcionamento da disciplina Didática Especial de Matemática, a discussão sobre os tópicos abordados na disciplina ficou restrita ao programa presente no Anuário... (1954). Entretanto, acreditamos que novas investigações, fundamentadas em fontes e acervos distintos, permitiram outras elaborações sobre as concepções de formação e atuação de professores de matemática operantes no período ou sobre o papel desempenhado pela disciplina na afirmação ou diferenciação dessas concepções. Nossa discussão busca apenas evidenciar a potencialidade de mobilizar a disciplina Didática Especial de Matemática para discutir aspectos históricos ligados à formação e à atuação de professores de matemática no Brasil no início do século XX.

A disciplina Didática Especial de Matemática e a emergência de uma posição subjetiva no espaço científico-acadêmico

Como pontuamos, o Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais traz os programas das disciplinas “Didática Especial de...” oferecidas pelo curso de Didática. Entretanto, na consulta ao arquivo da FAFICH observamos que, no período analisado; não acontecia o oferecimento de uma Didática Especial específica para cada área de formação. Dois documentos do acervo acentuaram tal compreensão: uma grade de horários do curso de Didática, na qual as disciplinas “Didática Geral” e “Didática Especial” aparecem sendo oferecidas no mesmo dia, pela mesma professora – Filocelina da Costa Matos de Almeida, catedrática de Didática Geral e Especiais – e em horários consecutivos; e uma lista com os conteúdos trabalhados na disciplina Didática Especial, na qual observamos apenas temáticas ligadas ao ensino de Língua Portuguesa e Geografia.

A ausência do oferecimento de uma Didática Especial específica para cada área de formação nos colocou a pensar sobre os modos de organização e funcionamento da disciplina Didática Especial de Matemática, que também não aparecia nos documentos analisados – tínhamos apenas o programa presente no Anuário, apresentado na seção anterior. Disso surgiu a necessidade de abordar a qualificação profissional dos docentes da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, já que em outros documentos a disciplina Didática Especial sob a responsabilidade da professora Filocelina da Costa Matos de Almeida, catedrática de Didática Geral e Didáticas Especiais, ora sob a responsabilidade de professores que pareciam não ter, ao menos pelas descrições apresentadas, uma formação específica para esse trabalho.

Ao discutir a qualificação profissional dos docentes da Faculdade de Filosofia, Haddad (2015) destaca que nos primeiros anos de funcionamento houve uma grande evasão de professores catedráticos causada, sobretudo, por uma crise de segurança institucional.

Os professores, profissionais liberais, tinham outras ocupações prioritárias no consultório médico, na empresa de construção, na bancada de advocacia, onde recebiam maiores benefícios. Mas a questão é mais complexa e sua base está a falta de profissionalismo do magistério, particularmente na Faculdade de Filosofia, que não apresentava as condições mínimas para o seu exercício. A ausência de critérios que definissem os pré-requisitos de formação para os professores, a dispersão dos conteúdos em várias cadeiras, principalmente na área de Ciências Humanas, a improvisação, a remuneração simbólica e a deficiente base material e pedagógica da escola

favoreciam uma situação em que virtudes e sentimentos como dedicação, compreensão, desprendimento, disponibilidade muitas vezes eram mais importantes que a competência. (Haddad, 2015, p. 93)

A ocupação dos cargos de professores por profissionais liberais, entretanto, parece não estar apenas ligada à possibilidade de conciliar a docência com suas profissões, minimizando as consequências das precárias condições de trabalho apontadas por Haddad (2015), mas também à carência de professores capacitados para trabalhar os conteúdos previstos nos programas das disciplinas da Faculdade de Filosofia. Vale reforçar que em períodos anteriores à fundação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras prevalecia no Brasil um ensino superior comprometido exclusivamente com a formação profissional, em cursos como Medicina, Engenharia, Direito e Agronomia. Assim, a proposta de um ensino superior voltado ao “saber desinteressado”, de perspectiva teórico-científica, surgia como deficiente na medida em que os profissionais que atuavam como docentes eram formados em escolas profissionais de saber aplicado, de perspectiva prático-funcional.

Se essa carência era evidente nas disciplinas do curso de Matemática – mesmo com demandas as professoras sendo supridas, muitas vezes, por engenheiros (Ferreira, 2012) –, na disciplina Didática Especial de Matemática ela surgia de forma mais acentuada. Isso porque na primeira metade do século XX eram ainda pouco expressivos no Brasil os espaços dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática.

Ao investigar a história da disciplina Didática Geral na Faculdade Nacional de Filosofia entre 1939 e 1968, Fonseca (2015, p. 242) destaca que:

[...] embora nas décadas de 1920 e 1930 se evidencie a preocupação com a organização de um processo de formação específica e especializada para o exercício do magistério, ainda não existia a constituição de um “discurso da didática”, ou o uso deste termo para designar um saber, uma área específica de conhecimento ou disciplina. Isto é, a ideia de uma disciplina assim denominada não se fez presente nos diferentes ordenamentos legais que organizavam a formação de docentes para o sistema educacional brasileiro que pela primeira vez se constituía.

Assim, o fato da Didática – e, acrescentamos, da Didática Especial – não ser tratada, no período, como uma área específica de conhecimento ou uma disciplina, indica que era pouca ou inexistente a disponibilidade de profissionais qualificados para a docência de suas temáticas, produzindo a carência de professores. De fato, Garcia (1994 apud Ferreira, 2011) comenta que essa carência fazia com que, frequentemente, os professores das Didáticas Especiais fossem recrutados entre os alunos de destaque do curso de Didática. Acreditamos, ainda, que a carência desses profissionais se deve ao ineditismo da proposta das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no Brasil que, em sua dupla função, deveriam formar para a pesquisa científica e para a atuação docente no ensino secundário e no curso normal.

Para Fonseca (2015), as discussões sobre a centralidade da aprendizagem, a científicidade da educação e a formação docente em nível universitário, presentes no discurso pedagógico das décadas de 1920/30, possibilitaram a emergência da Didática como saber necessário ao professor. Consequentemente, entendemos que

a construção desse saber promoveu a necessidade de profissionais qualificados a “ensinar a ensinar”, exigindo não só um novo saber no espaço científico-acadêmico, mas também a constituição de uma posição subjetiva no ensino superior que, em uma perspectiva profissional, estaria autorizada a “ensinar a ensinar matemática”. Surge, então, a proposição de profissionais dedicados a pensar, a discutir e a produzir conhecimento em torno das relações entre o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática para o ensino secundário e para o curso normal.

Considerações Finais

Com este trabalho, compreendemos potencialidades do estudo da disciplina Didática Especial de Matemática para a pesquisa sobre a formação de professores de matemática nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na primeira metade do século XX. Como buscamos mostrar, o ineditismo da proposta de educação superior da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais e a construção de um discurso emergente sobre a formação de professores parecem ser reforçados pelo programa da disciplina, que inaugura, inclusive, em seus processos de funcionamento, a necessidade de profissionais qualificados para “ensinar a ensinar”.

Os processos que envolvem a constituição desses profissionais, que assumem uma posição subjetiva e institucional que os autoriza a produzir, divulgar e legitimar modos de “ensinar a ensinar”, ajudam a compreender, ainda que localmente, como passam a ser gestados no cenário científico-acadêmico espaços que tratam de modo sistemático os conhecimentos que surgem da necessidade de relacionar o ensino, a educação e a matemática visando à formação de professores de matemática. Poder-se-ia dizer, por fim, que a vontade de construir e promover um discurso profissional, identitário e normativo sobre a formação de professores exigió de seu tempo a emergência de subjetividades que reivindicassem um saber sobre o “ensinar a ensinar matemática”.

Referências

- Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais: 1939-1953. (1954). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Ferreira, A. C. A. (2012). *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais e a primeira Licenciatura em Matemática do estado*. In Ferreira, A. C., Brito, A. J. & Miorim, M. A. (Eds.), Histórias de formação de professores que ensinaram matemática no Brasil. Campinas: Ílion.
- Fernandes, F. S. & Morais, R. S. (2017) Os intelectuais, o poder e a Educação Matemática: sedimentos em monumentos de pedra de nós mesmos. *Perspectivas da Educação Matemática*, 10(22), 244-263.
- Fonseca, M. V. R. (2015). A história da disciplina acadêmica Didática Geral na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da Universidade do Brasil: um olhar arqueológico. *Educar em Revista*, 55(1), 229-246.

- Gomes, M. L. M. (2016). Os 80 anos do primeiro curso de Matemática brasileiro: sentidos possíveis de uma comemoração acerca da formação de professores no Brasil. *Bolema*, 30(55), 424-438.
- Haddad, M. L. A. (2015). *Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: sementes do espírito universitário*. Belo Horizonte: Phorum Consultoria.
- Moreira, P. C. (2012). 3+1 e suas (In)Variantes (Reflexões sobre as possibilidades de uma nova estrutura curricular na Licenciatura em Matemática). *Bolema*, 26(44), 1137-1150.
- SUCUPIRA, N. (1969). Da faculdade de filosofia à faculdade de educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 51(114), 261-276.